

Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música*

Luciane Cuervo
Juliana Pedrini



Luciane Cuervo

luciane.cuervo@ufrgs.br

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou a pesquisa intitulada "Musicalidade na performance com a flauta doce" com financiamento do CNPq. Bacharel em Música pela UFRGS. Docente no Departamento de Música da UFRGS, nas modalidades presencial e a distância. Gravou, como intérprete e produtora, os CDs *Sonetos de amor e morte*, *Octoeólio*, *A criança no mundo da música*, entre outros. Integra o EDUCAMUS – Grupo de Estudos e Pesquisa em Música e Educação do PPGEDU/UFRGS e o Grupo de Pesquisa em Educação Popular e Movimentos Sociais "Brava Gente".

Juliana Pedrini

juliana.pedrini@ufrgs.br

Licenciada em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista em transtornos do desenvolvimento (Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS). Professora do Colégio de Aplicação da UFRGS, no Departamento de Expressão e Movimento, e coordenadora da Área de Educação Musical. Atua na educação básica, ensino técnico e formação de professores. Realiza orientação de bolsistas, estagiários e monitores graduandos de Música e outros cursos. Coordenadora dos projetos de extensão Orquestra de Flautas Doces, Coro e Conjunto Instrumental do Colégio de Aplicação da UFRGS. É membro do grupo de pesquisa EDUCAMUS (PPGEDU/UFRGS).

Resumo: Este trabalho apresenta e discute atividades propostas da área de educação musical no contexto da educação básica, pública e privada. As autoras, num trabalho colaborativo de concepção e aplicação dessas atividades, apresentam ideias experienciadas na aula de música como disciplina curricular, focando a utilização da flauta doce como instrumento que desenvolve a musicalidade e que fomenta a atividade criativa e a interação afetiva em sala de aula. O texto aborda uma breve fundamentação sobre o conceito de criatividade, passando para a discussão contemporânea sobre musicalidade, discutindo convergências e divergências sobre a presença da flauta doce na educação musical.

Palavras-chave: criatividade; flauta doce; educação musical

Abstract: *Abstract. This paper presents and discusses activities proposed in the context of basic education in two schools, one public and one private. The authors, in a collaborative work of conception and implementation of these activities, presents ideas lived at music classes like curricular activity, specially with focus in the use of the recorder as an instrument that develops musicianship and foments creative activity. The text gives a brief rationale for the concept of creativity, moving to the contemporary discussion about education and sound and about agreements and disagreements about the presence of the recorder in music education.*

Keywords: *creativity; recorder; music education*

CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. Flauteando e Criando: reflexões e experiências sobre criatividade na aula de música. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010.

Criatividade e musicalidade

Os estudos e as práticas em educação musical vêm trilhando novos e desafiadores caminhos. Sem desprezar trabalhos consolidados do passado, mas buscando romper com antigos paradigmas da nossa formação, procuramos valorizar novos princípios em educação musical, permeados pela ludicidade, autonomia, criatividade e sensibilidade frente à diversidade cultural que encontramos no contexto de atuação.



Este texto apresenta ideias e experiências direcionadas à educação básica, envolvendo a flauta doce na aula de música com crianças de seis a dez anos de idade, dos anos iniciais do ensino fundamental, nas esferas pública e privada.

Turma de aula de música curricular.

Falar em *criatividade* implica refletir sobre um conceito que por muito tempo esteve ligado a um dom, não a uma “coisa que se aprende”, assim como *musicalidade* (Cuervo, 2009). Como explica Beineke (2003a), na década de 1970 surgiram alternativas frente ao ensino convencional de música defendendo uma aprendizagem pela descoberta, que também pode ser criticada quando não apresenta um direcionamento claro, sem aprofundar fases posteriores à exploratória.

Criatividade pode ser definida como a capacidade de inventar, criar, inovar. “Podemos pensá-la, também, como a capacidade para elaborar e compreender um conjunto de significados, seja por meio de conhecimento formal ou intuitivo” (Cuervo, 2009, p. 146).

A tendência contemporânea para a experiência criativa na aula de música prioriza o desenvolvimento do aluno (o processo) e não o valor do resultado somente (produto), como explica Beineke (2003a).

Antunes (1995) chama a atenção sobre a sensibilidade de entender o momento certo para orientar o processo criativo da criança evitando criticar o produto, pois “não importa o resultado final, seja ele musical ou não. O que importa é o processo de pensamento que se torna operativo quando a criança enfrenta problemas”.

Essa realidade também acaba sendo conduzida em função dos compromissos extramusicais gerados nos contextos educacionais, especialmente nas escolas, onde apresentações musicais muitas vezes são utilizadas como forma de divulgação da instituição, bem como entretenimento em datas comemorativas diversas. Compreendemos como uma estratégia gratificante aliar esses papéis que a educação musical assume no contexto escolar: proporcionar a construção de um processo de desenvolvimento musical rico em termos de experiências e reflexões, sem deixar de atender às expectativas da comunidade escolar.

As atividades de criação, execução, apreciação e o estudo teórico (incluindo aí também informações sobre as músicas e contexto sócio-histórico) estão intimamente ligadas em abordagens que visam a um desenvolvimento global do aluno. Fundamentalmente, procuramos motivar a construção de uma postura autônoma e crítica no aluno, no sentido de interação e conscientização sobre os processos de desenvolvimento musical e a trajetória criativa de cada um.

Ao longo das últimas décadas do século XX, constatou-se a ênfase das atividades musicais especialmente em duas diretrizes: o ensino pela execução incansável e repetitiva de um repertório predeterminado pelo professor, ou um ensino prioritariamente teórico como pré-requisito obrigatório para a musicalização. Acreditamos que ambas as abordagens podem ser questionadas, o que já foi feito por consolidados trabalhos (Swanwick, 2003; Hallam, 2006; França, 2003). Frega (1997, p. 116), ao analisar os princípios metodológicos de Schafer, apresenta uma frase provocadora do educador:

“Quem inventou que o entusiasmado descobrimento da música precede a habilidade musical de tocar um instrumento ou ler notas?”



Assim, defendemos a aula de música como um ambiente de desenvolvimento da musicalidade na *performance*, num sentido mais amplo do que normalmente é empregado, em afinidade com o pensamento de Sloboda (2008), o qual compreende que a *performance* abarca os diversos comportamentos musicais manifestos.

Uma ação que permeia toda a nossa abordagem metodológica é a percepção: a escuta dos sons do ambiente escolar, a escuta dos sons da nossa casa, da rua, enfim. Os alunos podem ser levados a concentrar a escuta em um determinado ambiente, durante um determinado período de tempo, para então registrar esses sons ouvidos através de desenhos ou descrições, conforme exemplos a seguir.



Atividade 1: Paisagem sonora

Proposta: Após a escuta dos sons da sala de aula ou durante um breve passeio em seu entorno, registrar os sons que foram ouvidos através de desenhos, gráficos ou palavras.

Objetivo: Propiciar que o aluno foque sua atenção apenas para o sentido da audição, aperfeiçoando a capacidade de percepção e distinção dos eventos sonoros.



Relato da profe: “Assim que era proposta essa atividade, alguns alunos ficavam agitados e ansiosos, mas em seguida conseguiam concentrar sua audição e, ao comparar os trabalhos entre os colegas, ficavam impressionados com a quantidade de sons percebidos no que supostamente seria ‘silêncio’. A sequência didática a essa atividade também foi muito prazerosa, incluindo a confecção de mapas sonoros, de acordo com Schafer (2008), bem como a organização desses materiais em composições dos alunos.”

Narita (2008) constatou em seu campo de pesquisa que um desenvolvimento musical cíclico que englobe o experimentar, criar, escutar e executar levou à criação de arranjos com a participação ativa das crianças, processo no qual elas interferiam na estrutura e a forma musical, na seleção de instrumentos musicais e na interpretação e expressividade da música.

Segundo Cuervo e Maffioletti (2009, p. 42), “o desenvolvimento da musicalidade na *performance* é marcado pela capacidade crescente de coordenar diversos elementos que fazem parte do contexto do fazer musical”. Constitui-se como um processo complexo e dinâmico, conforme sintetizado por Cuervo (2009).



Musicalidade é a capacidade de geração de sentido através do fazer musical expressivo.

Cuervo (2009) defende que o desenvolvimento da musicalidade está relacionado a diversos fatores:



Fluxograma 1. Desenvolvimento musicalidade.

Aula de flauta doce é aula de música!

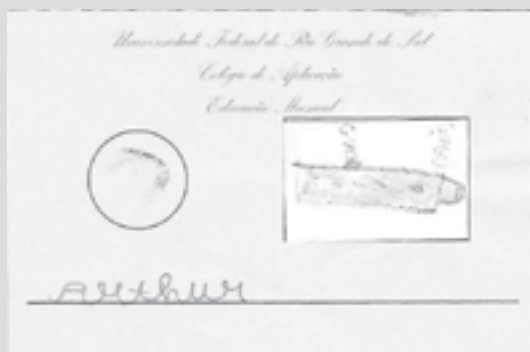
Utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminhos de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las.

Temos proposto atividades lúdicas e exploratórias de introdução ao instrumento em sala de aula: o aluno é levado a conhecer a sua forma e outros aspectos da organologia do instrumento, e a construir uma relação afetuosa com a flauta doce, como mostra a Atividade 2.

Atividade 2: Uma identidade para a minha flauta doce!

Proposta: Explorar a flauta doce: desmontar, ver, sentir, tocar. Dar um nome para sua flauta, "batizá-la" e elaborar um documento de identidade para ela.

Objetivo: Estimular que se crie um vínculo de cuidado com a flauta doce.





Relato da profe: “Os alunos se divertiram com a possibilidade de desmontar o instrumento e produzir som com cada parte dele. Ao remontarem a flauta, foi solicitado que tentassem tapar todos os orifícios e orientados até que a posição ficasse como é a convencional, refletindo sobre o “furinho torto”. Foi solicitado que inventassem um nome para flauta, já que, a partir daquele momento, ela faria parte da vida deles por muito tempo.”

Compreendemos a flauta doce como um instrumento rico em seu potencial artístico e didático, não se restringindo somente a um instrumento que “leva a outro”, que introduz o aluno ao “mundo da música” até que se aprenda um “instrumento de verdade” (Cuervo, 2009).

Cuervo (2009, p. 23) acredita que a educação musical no Brasil “poderia abordar, de forma mais ampla e engajada, a potencialidade da flauta doce como instrumento musical, conectando seus valores didático, artístico e estético”; essa convicção é balizada “à medida que refletimos sobre os estereótipos que a flauta doce carrega em sala de aula, entre estudantes e professores de música, como um instrumento limitado de capacidade expressiva e possuidor de sonoridade pobre”.

Em contrapartida, temos constatado o uso da flauta doce nos mais variados projetos, de ensino curricular e extraclasse, públicos e privados, dentro e fora da escola. Parece-nos que alguns educadores musicais, ainda que timidamente, por fim estão despertando para o valor da flauta doce como instrumento musicalizador, que possui também potencial artístico e expressivo.

A flauta doce é o instrumento que possui a onda sonora de frequência mais próxima à onda senoide, ou seja, a onda pura. Advém daí as históricas associações entre seu som doce ao próprio nome, que em vários idiomas está diretamente relacionado à sua sonoridade.

Cuervo (2009) elencou alguns dos principais motivos que justificam a presença da flauta doce em propostas de educação musical:

- Permite uma fácil iniciação técnica de execução e memorização.
- Possui modelos e manutenção acessíveis financeiramente.
- Pode ser facilmente empregada junto a outros instrumentos, além de possibilitar a integração discente e prática coletiva através da formação de conjuntos instrumentais (Beineke, 2003b).
- Possibilita o acesso a diferentes culturas, períodos históricos e gêneros musicais.
- Reúne repertório de elevado valor artístico, produzido por compositores de renome e interpretado por executantes de alto nível técnico-musical, o que também pode ser explorado na apreciação musical.

Acreditamos que os argumentos em favor da flauta doce na educação musical e nas práticas musicais em geral não se esgotam nesse espaço. Mas convictas que somos da riqueza de possibilidades, seguiremos em frente com nossas reflexões e relatos sobre práticas propostas em sala de aula.

Há três princípios gerais para um ensino de instrumento em direção à musicalidade sugeridos por Swanwick (1994):

- 1 É preciso ter música na aula de instrumento, o que, segundo o autor, significa “satisfação e controle da matéria, consciência de expressão, e quando possível, o prazer estético da boa forma”.
- 2 Priorizar a fluência intuitiva baseada na audição, trabalhada anteriormente à escrita e leitura analíticas. Para o autor, a consciência auditiva é a base, o verdadeiro fundamento musical e também ápice do conhecimento musical.
- 3 Perceber o momento de avançar e esperar, entendendo que os alunos saberão discernir o que vale a pena estudar. Professores e alunos precisam sentir que suas ações contribuem para a sustentação da consciência humana.

Pedrini (2008) enfatiza seus princípios educacionais defendidos na aula de música, esclarecendo que possui como objetivos promover o desenvolvimento musical dos alunos por meio da execução de repertório escolhido por eles. Também se preocupa em propiciar a experimentação, reflexão, criação e execução de arranjos coletivos, a fim de “desenvolver a prática da apreciação musical, buscando pontos para futura composição, integrar alunos de diferentes níveis na prática do instrumento para juntos executarem o repertório e socializar os arranjos e as composições dos grupos”. A partir desse relato,

podemos inferir que a construção do repertório parte de um conjunto de fatores, dos quais elencamos os seguintes:



Fluxograma 2. Construção do repertório.

Pedrini (2008) percebeu que “o repertório oferecido pelos professores normalmente é distante do mundo do aluno, o que também faz com que se desinteresse pelas aulas de música ou pelo ensino de instrumentos musicais”. Portanto, acreditamos que estratégias que valorizem peças apreciadas pelos alunos em outros contextos (especialmente familiar e fora da escola), aliadas ao fomento da escuta de outros tipos de música, nunca antes ouvidas, colaboram na formação global do sujeito, reforçando suas vivências e ampliando as possibilidades de interação e criação inspiradas em diversos estilos musicais.

O que constatamos é que o repertório possui papel estruturante no planejamento pedagógico-musical, e que precisamos construir uma relação equilibrada entre as preferências musicais dos alunos e a ampliação dessas preferências através da ludicidade e do estudo dinâmico, potencializado pelas possibilidades que a música contemporânea também oferece.

Antunes (1995, p. 53) questiona:



“Por acaso é necessário, para o jovem, conhecer a linguagem musical do passado, para depois ser iniciado na linguagem musical do presente?”

Como forma de ampliar o repertório dos alunos e proporcionar a escuta de peças desconhecidas do grande grupo, selecionamos peças do repertório erudito contemporâneo, começando com compositores da nossa região, nesse caso colegas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como na atividade relatada a seguir.

Atividade 3: Apreciação de música desconhecida do grupo



Proposta: Audição do CD *Sonetos de amor e morte*. Conversa sobre a “música estranha”. Tentativa de leitura de símbolos criados pela professora no quadro.

Objetivo: Ampliar o repertório conhecido pelos alunos. Apresentar sons não convencionais e música contemporânea para o instrumento.

Relato da profe: “Os alunos ficaram muito interessados pelo nome do CD, com o fato de os compositores estarem vivos, e adoraram experimentar a imitação. Foi proposto que desenhassem no quadro como achavam que eram escritos alguns sons ouvidos, acharam impossível. Desenhei e solicitei que tentassem criar sons para os símbolos criados. Aos poucos foram se encorajando. O tema foi criar novos desenhos e músicas.”

Criação, notação, invenção!

Entendemos que a escrita não convencional, seja ela gráfica, por roteiro ou analogia, deve permear o processo de desenvolvimento musical. Não vemos esses recursos ampliados como um meio de chegar à escrita convencional pentagramática (pauta tradicional), tampouco como um estágio evolutivo anterior ou posterior.

Concordamos com Antunes (1990) quando diz que se o grupo é capaz de construir peças e de simbolizá-las em notação musical personalizada, ou ainda criar composições coletivas e suas partituras, tocar com seus instrumentos ou objetos tais partituras, alcança o ápice do processo educativo musical, “pois toda esta atividade é parcela da inteligência humana, é educação, é socialização”.

Atividade 4: Composição com a flauta doce



Proposta: Trocar a partitura realizada em casa para ser executada por outras colegas. Cada “compositor” precisava tocar a música de outro colega. Assim, cada um teria a sua música e a de mais um colega.

Objetivo: Possibilitar a exploração mais consciente dos sons da flauta. Experimentar a importância do registro.



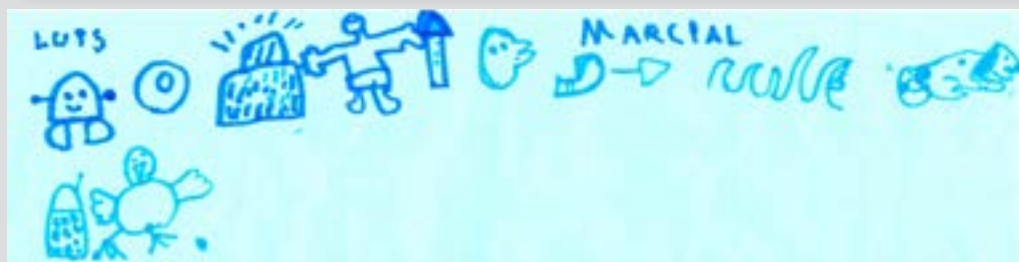
Relato da profe: “Após tocarem as peças compostas, as partituras foram trocadas. Os alunos tiveram dificuldade de entender o que os colegas queriam dizer com suas anotações. Aos poucos, os ‘compositores’ foram deixando suas partituras mais detalhadas para que os colegas entendessem o que realmente desejavam”.



Atividade 5: Composição para a cabeça da flauta doce

Proposta: Explorar sons da cabeça da flauta doce. Organizar os sons que mais gostarem na criação de uma peça curta.

Objetivo: Incentivar a criação musical com sons não convencionais.



Relato da profe: “As crianças gostaram muito de criar uma música somente com uma parte da flauta doce – o que julgavam impossível antes da fase de exploração e descoberta. Toda a turma aprendeu a tocar a música composta por cada colega”.

Para Paynter (1970 apud Frega, 1997), a educação precisa oferecer ocasiões de desenvolvimento da imaginação:

“A educação pode transformar-se em um processo que abarque a totalidade da vida, oferecendo ao indivíduo não só confiança em suas atitudes adquiridas e inatas, como também na aventura da exploração: ver as coisas com novos olhos, descobrir novos horizontes, assim como novos campos para experimentar”. (Paynter, 1970 apud Frega, 1997, p. 127)



Quando o repertório não abarca alguma música entre suas preferências pessoais, percebemos que alguns alunos sentem-se menos motivados para o estudo do instrumento. É importante articular esses saberes e práticas de forma sistêmica, pois é fundamental que o educador musical possibilite “uma abordagem que privilegie a diversidade em música, fomentando a criação, apreciação e *performance* musical de um repertório variado, sem preconceitos” (Cuervo, 2009, p. 76).

Atividade 6: Tocando a música que eu mais gosto!



Proposta: Tocar um arranjo do compositor Jean Presser de um *pot-pourri* de *funks* apreciados pelos alunos.

Objetivo: Ampliar a leitura e as notas conhecidas pelos alunos através de repertório novo. Incentivar que toquem música de ouvido.

Funk

Arranjo de Jean Presser

Relato da profe: “Todas as vozes eram importantes ali. Aqueles que não conseguiram tocar uma voz inteira até as apresentações, tocaram a percussão, importante para a execução de um *funk*. A peça era longa, o que tornou a partitura indispensável, fazendo que os alunos procurassem por ela para estudar. Uns alunos ajudaram os outros para que juntos pudessem ouvir o arranjo pronto. Nas apresentações, o público recebe o arranjo com muito entusiasmo por ser um repertório ‘inesperado’ para um grupo de flautistas”.

Conclusão

De forma alguma se esgotam aqui ideias para uma aula de música que utilize a flauta doce como instrumento potencialmente rico. Por motivos de tempo e espaço, mesmo os trabalhos aqui apresentados são recortes de nossas atividades e não representam sequer a maior parte delas. Compartilhamos com o leitor experiências gratificantes e instigantes, que demonstraram retorno por parte dos alunos, especialmente no aspecto do desenvolvimento da musicalidade e fortalecimento da autoestima e integração sociocultural, que são alguns dos elementos que norteiam nossos trabalhos.

Acreditamos também que a postura aberta e receptiva do educador musical é fundamental não somente na sala de aula da educação básica ou em qualquer contexto educacional, mas inclui também o nosso próprio processo de estudo, qualificação permanente e espírito investigativo. Como dizem as belas palavras de Freire,



“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (Freire, 2002, p. 32)



Quem procura acha: dicas!

Além das referências deste trabalho, procure também:

Sobre a flauta doce

Histórico no *site*: <http://www.aflauta.com.br/recorder/histdoce01.html>.

Sobre criatividade e música contemporânea

CUERVO, L. Música contemporânea para flauta doce: um diálogo entre educação musical, composição e interpretação. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 18., 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: Anppom, 2008.

KATER, C. *As necessidades de uma educação musical criativa hoje*. Disponível em: <<http://carloskater.com/?p=98>>.

MARTINS, Á. *Composição musical na escola: experiências no universo contemporâneo e tecnológico*. Prêmio Victor Civita “Educador Nota 10” (Ed. Abril). Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/premiovc/2009/audrea.shtml>>.

SCHAFER, M. *A afinação do mundo*. São Paulo: Unesp, 1997. [1. ed. 1977].

Músicas para flauta doce (execução e apreciação)

BEINEKE, V.; FREITAS, S. P. R. de. *Lenga la lenga: jogos de mãos e copos*. Florianópolis: Ciranda Cultural, 2006. Livro-CD-CDROM.

CUERVO, L. *Sonetos de amor e morte*. Porto Alegre: Fumproarte, 2002. CD com obras de Kiefer, Cervo, Adami, entre outros.

FLAUTISTAS DA PRO ARTE. *Tem gato na tuba 1*. Petrobrás, [s.d.]. CD.

GALHANO, C. *Círculo mágico*. 2000. CD com obras de Villa-Lobos, Havens, Azevedo.

OCTOEÓLIO: os oito ventos do Brasil Meridional. São Leopoldo: Indep., 2006. CD com obras de Bach, Lacerda, Mattos, Adami, Heuser, entre outros.

ORQUESTRA DE FLAUTAS H. VILLA-LOBOS. *Trenzinho caipira*. Porto Alegre: SEBRAE, 2006. CD.

_____. *Olhos coloridos*. Porto Alegre: CEEE, 2008. CD.

QUINTA ESSENTIA QUARTETO DE FLAUTAS DOCES. *La marca*. CD. Para ouvir trechos: <http://www.quintaessentia.com.br/lamarca/presskit.html>.

Vídeos

No *Youtube* encontram-se materiais ecléticos e dinâmicos, como gravações do Amsterdam Loeki Stardust Quartet, Red Priest e Il Giardino Armonico.



Referências

- ANTUNES, J. Criatividade na escola e música contemporânea. In: *Cadernos de Estudos: Educação Musical*, São Paulo, n. 1, ago. 1990. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_1/criatividade_escola.htm. Acesso em: 9 dez. 2008.
- _____. *O novo discurso musical que dá asas à criação*. 1995. Disponível em: <http://www.latinoamerica-musica.net/puntos/antunes/discurso-po.html>. Acesso em: 15 maio 2010.
- BEINEKE, V. A composição em sala de aula: como ouvir a música que as crianças fazem? In: HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. *Avaliação em música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003a. p. 91-104.
- _____. A flauta doce na sala de aula. In: HENTSCHKE, L.; DEL BEN, L. *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003b. p. 83-100.
- CUERVO, L. da C. *Musicalidade na performance com a flauta doce*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CUERVO, L.; MAFFIOLETTI, L. de A. *Musicalidade na performance: uma investigação entre estudantes de instrumento*. Revista da Abem, Porto Alegre, n. 21, p. 25-43, mar. 2009.
- FRANÇA, C. C. O som e a forma: do gesto ao valor. In: HENTSCHKE, L.; DEL BEN, L. (Org.). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 50-61
- FREGA, A. L. *Metodología comparada de la educación musical*. Tese (Doutorado em Música, menção Educação)–Centro de Investigación Educativa Musical, Colegio Musicum, Buenos Aires, 1997.
- FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- HALLAM, S. Musicality. In: McPHERSON, G. E. (Org.). *The child as musician: a handbook of musical development*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 93-110.
- NARITA, F. Criação musical e cultura infantil: possibilidades e limites no ensino e aprendizagem da música. *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais – maio 2008*, São Paulo: USP, 2008. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/downloads_anais/SIMCAM4_Flavia_Narita.pdf. Acesso em: 15 maio 2010.
- PEDRINI, J. Orquestra de Flautas Doces do Colégio de Aplicação da UFRGS. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, 17., 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Unesp, 2008. 1 CD-ROM.
- SLOBODA, J. *A mente musical: a psicologia definitiva da música*. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- SWANWICK, K. Ensino instrumental enquanto ensino de música. *Cadernos de Estudo: Educação Musical*, São Paulo, n. 4/5, nov. 1994. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/ensino_instrumental.htm. Acesso em: 9 dez. 2008.
- _____. *Ensinando música musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.